

CARACTERIZAÇÃO E APROPRIAÇÃO SOCIAL DE TRÊS ESPAÇOS PÚBLICOS CENTRAIS, EM BAIRROS POPULARES DE SALVADOR

Flávia Silva de Souza¹
Angelo Szaniecki Perret Serpa²

Resumo: *Esse estudo se originou do interesse de entender se realmente há uma lógica diferenciada para a construção/implementação de áreas de lazer na periferia de Salvador. É sabido que os bairros populares são desprovidos de infra-estrutura mínima e que poucos contam com espaços públicos de lazer. Este fato decorre do crescimento urbano desordenado que acaba fechando acessos e fazendo surgir bairros marcados pela falta de espaços físicos para a criação de áreas de lazer. Esta pesquisa foi desenvolvida nos espaços públicos centrais de três bairros da periferia de Salvador: Praça João Martins em Paripe; Praça São Brás em Plataforma; e a Praça Moema Medrado em São Tomé de Paripe. Estes espaços se caracterizam como as principais áreas de lazer para os referidos bairros, sendo bastante utilizados pelos habitantes desses lugares, apresentando algumas diferenças quanto à estrutura física. São espaços construídos a partir de um planejamento urbano autoritário que desconsidera as particularidades das coletividades analisadas. A população, segregada deste processo, não trata esses espaços enquanto “seus”, portanto, não vive os espaços “coletivamente”, o que, muitas vezes, inviabiliza a conciliação dos diversos usos. As praças públicas devem ser pensadas enquanto espaços multifuncionais onde prevaleça o respeito entre os cidadãos. Além disso, é necessário investimento nestes bairros, que conciliem os equipamentos públicos e as atividades culturais existentes, proporcionando lazer efetivo para a população.*

Palavras-chave: Praça pública; Lazer; Bairro popular.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa se originou do interesse de entender se realmente há uma lógica diferenciada para a construção/implementação de áreas de lazer na periferia de Salvador. É sabido que essas áreas periféricas são muitas vezes desprovidas de infra-estrutura mínima e que poucas delas contam com espaços públicos centrais de lazer. Este fato pode ser decorrente do crescimento urbano desordenado que acaba fechando acessos, surgindo assim bairros marcados pela falta de espaços físicos para a criação de áreas públicas para o entretenimento. Segundo Del Rio (1990, p.107), os espaços livres de edificação desempenham funções muito importantes para o ambiente urbano, pois podem ser usados como pontos de encontro; locais de eventos; circulação; e locais para o descanso e a meditação, sendo, portanto, “espaços positivos”.

Esta pesquisa foi desenvolvida nos espaços públicos centrais de três bairros da periferia de Salvador: Praça João Martins em Paripe; Praça São Braz em Plataforma; e Praça Moema Medrado em São Tomé de Paripe. Estes espaços se concretizam como principais áreas de lazer para os referidos bairros, sendo bastante utilizados pelos habitantes do lugar, porém apresentam algumas diferenças quanto à estrutura física. Foi importante também analisar a ocorrência de alguma mobilização ou participação dos habitantes/usuários na criação destes espaços, avaliando como se dá a apropriação dos mesmos, a partir do perfil dos seus usuários.

¹ Estudante do Curso de Geografia, da Universidade Federal da Bahia, Bolsista de Iniciação Científica do CNPq. E-mail: flaviasouza04@yahoo.com.br

² Professor adjunto doutor do Departamento e Mestrado de Geografia, bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq. E-mail: angserpa@ufba.br

Pretendeu-se averiguar também se esses espaços são construídos apenas para “simular” uma política de assistência ao bairro ou se são criados a partir das características históricas, sociais, econômicas e culturais da população que os utiliza, levando a uma diferenciação entre eles. O desenvolvimento deste estudo pode auxiliar nos processos de interação entre os usuários e os instrumentos e as políticas de planejamento urbano.

Metodologia: Os procedimentos metodológicos desta pesquisa foram baseados em um levantamento bibliográfico, com base em autores como Angelo Serpa, Frederico Holanda e Cristina Gobi, Kevin Linch e Vicente Del Rio, que desenvolvem ou desenvolveram trabalhos concernentes aos espaços públicos urbanos. Foram procurados também os órgãos responsáveis por informações sobre a cidade de Salvador, tais como: CONDER (Companhia de Desenvolvimento Urbano do Estado da Bahia), SEPLAM (Secretaria Municipal de Planejamento, Meio Ambiente e Desenvolvimento Econômico) e as Associações de Moradores dos respectivos bairros. Pretendeu-se, a partir desta investigação, adquirir os subsídios necessários para solucionar a problemática estabelecida nesta pesquisa.

Por este motivo, tornaram-se de fundamental importância a busca dos projetos de criação dos espaços públicos centrais dos bairros de Paripe, Plataforma e São Tomé de Paripe, com o intuito de entender se existe uma lógica diferenciada para a criação dos mesmos. O Método da Sintaxe Espacial, que consiste em uma investigação completa sobre a integração das formas espaciais e as relações sociais que ocorrem em determinados lugares, possibilitou a identificação de centralidades nos bairros estudados. O Método da Sintaxe Espacial foi aplicado em São Tomé de Paripe e em Plataforma, em 2001, e em Paripe, em 2005, nas pesquisas realizadas pelo Projeto Espaço Livre de Pesquisa-Ação. Pode-se verificar que as áreas de localização dos espaços centrais dentro dos bairros são também áreas de concentração comercial e do fluxo de transporte público, indicando áreas mais providas de infra-estrutura urbana.

Foram, portanto, estabelecidas a caracterização e diferenciação dos espaços escolhidos, a partir de visitas a campo. A realização de entrevistas com os engenheiros e arquitetos responsáveis pela execução dos projetos e com membros das associações de moradores dos três bairros permitiu a compreensão do projeto a partir de meios diferentes. Objetivou-se também, através destas entrevistas, obter dados diretos sobre a criação e qualificação destes espaços. A aplicação de questionários possibilitou o entendimento quanto ao uso e à apropriação dos espaços públicos centrais por parte dos habitantes do lugar.

Para determinação do número de questionários aplicados tomou-se como base a tabela de amostragem contida no livro “Quantificação em Geografia” (GERARDI; SILVA, 1981), na qual é representada uma amostra a partir do número de habitantes do lugar. Para uma população de 40.000 habitantes devem ser aplicados 380 questionários; para uma população de 50.000 habitantes, 381 questionários e para 9.000 habitantes a amostragem representativa seria de 368 questionários, que correspondem à população de Paripe, Plataforma e São Tomé de Paripe, respectivamente. No entanto, para uma população de 1.000.000 habitantes, uma amostra de 384 questionários seria suficiente. Assim, esta amostra poderia ser aplicada para toda área do Subúrbio Ferroviário (RA XVI, onde se localizam os bairros pesquisados), pois esta apresenta um contingente populacional de 262.219 habitantes (dado de 2000). Logo, para esta amostra, a aplicação de 130 questionários em cada praça escolhida consiste em um número representativo da população dos bairros analisados, no contexto do Subúrbio Ferroviário, considerando ainda critérios como sexo, faixa etária, profissão e local de moradia no bairro, buscando assim uma melhor qualificação dos espaços.

OS ESPAÇOS PÚBLICOS NA PERIFERIA

Os espaços públicos passam a existir a partir das funções atribuídas pela própria sociedade no decurso dos diferentes momentos históricos. Em geral, a existência ou não dos

espaços públicos de edificação/urbanização é produto de um planejamento urbano que desconsidera a importância de tais áreas. Consta-se a redução crescente desses espaços, em virtude do crescimento desordenado e dos interesses do capital imobiliário, que acaba por privatizar certas áreas públicas na cidade.

Segundo Serpa (2001), o sistema de espaços públicos na periferia segue algumas tendências, que devem ser consideradas, como: a formação e consolidação de centralidades dentro dos bairros acabam produzindo uma hierarquia entre os espaços existentes; a presença de vários tipos de atividades comerciais permite uma apropriação acentuada dos espaços públicos; a urbanização espontânea acaba fechando acessos, principalmente nas áreas mais segregadas dos bairros; e, por fim, a falta de áreas para o lazer induz a concentração de usuários em poucas áreas consolidadas, como praças e largos centrais no bairro. Todas estas tendências são bastante evidentes nas áreas analisadas, pois proporcionaram a consolidação das praças João Martins, São Braz e Moema Medrado como espaços centrais de lazer nos respectivos bairros.

As três praças localizam-se no Subúrbio Ferroviário de Salvador, área mais populosa da cidade e com poucos espaços para o lazer. Além disso, abriga uma população de baixo poder aquisitivo, com renda variando de 1 a 3 salários mínimos. De acordo com a reportagem do Jornal , Tarde (4/9/2005, p.3), “Faltam praças públicas na periferia”, a Região Administrativa do Subúrbio Ferroviário conta apenas com seis praças públicas para o lazer, enquanto que a Região Administrativa do Rio Vermelho possui 15 praças. Isso mostra o descaso em relação à construção/implementação dos espaços públicos para o lazer nos bairros periféricos da capital baiana.

ANÁLISE DOS PROJETOS DE CRIAÇÃO DOS ESPAÇOS

Os projetos das praças João Martins, em Paripe, e São Braz, em Plataforma, foram obtidos na SEPLAM. No projeto de revitalização da **Praça João Martins**, localizada no bairro de Paripe, estão registrados alguns levantamentos de campo, como, por exemplo, um contato prévio com os usuários, através de conversas informais. Foram feitas também observações diárias no intuito de analisar o espaço a ser projetado. Os dados obtidos na SEPLAM mostram que a área da praça *“corresponde a 4.259,65 m², cuja finalidade é propiciar à população local um espaço de lazer e entretenimento”*.

As principais intervenções foram:

Criação de áreas de playground infantil com brinquedos modernos, e de Estar, com bancos pré-moldados e arborização; colocação de bancos em madeira com estrutura de ferro; criação de espaços destinados para bancas de revistas e acarajé cujos padrões são determinados pela Prefeitura Municipal do Salvador; Preservação de toda arborização existente, incluindo plantio de novas árvores (SEPLAM, 1999).

Em relação ao projeto da **Praça São Braz**, situada no bairro de Plataforma, foi feita uma requalificação completa do espaço, uma área de 1.931,00 m². Segundo o depoimento de Cláudio Silva de Jesus, presidente do grupo de jovens de Plataforma, houve algumas reuniões na própria igreja, localizada na Praça, para a apresentação do projeto, que já se encontrava finalizado. Porém, poucas pessoas participaram dessas reuniões.

Foram feitas as seguintes mudanças:

A rua existente entre a igreja de São Braz e a praça, foi incorporada ao espaço da praça, aumentando a área de uso, sem prejuízo do tráfego local; na área de destaque da praça, a criação de um mirante com cobertura colorida em fibra de

vidro e um espaço de Estar e de Eventos, circundado por extensos bancos em concreto pré-moldados; os pórticos coloridos definem acesso ao espaço da praça, ou mesmo sugere um trajeto para cortejos religiosos; para ampliar a utilização e disciplinar as áreas de circulação, substituíram-se os canteiros existentes por pavimentação e criação de espaços com bancos de jardim sombreados; a área externa da igreja foi incorporada ao espaço da praça com a reconstrução da escadaria de acesso (SEPLAM, 1999).

O projeto da **Praça Moema Medrado** está relacionado ao projeto de reestruturação da orla marítima de São Tomé de Paripe. A Conder foi o órgão responsável pela obra, que já tem aproximadamente 13 anos de implantada. Como a Conder passou por uma reforma, vários arquivos se perderam, como foi o caso deste projeto. De acordo com o arquiteto da Conder, Luiz Gonzaga Ribeiro Figueiredo, responsável pelo projeto da praça Moema Medrado, a área era alagada, e, portanto, foi necessário fazer uma dragagem da água. A criação do estacionamento foi tratada como prioridade, devido ao fluxo de pessoas que vão a praia nos finais de semana, melhorando, assim, o comércio local. Foram feitos também contatos informais com a população, em especial com crianças que ali brincavam de patins, sendo este um dos motivos para a criação da pista de patins existente na área.

Se tomarmos como referência os projetos de espaços públicos de edificações em áreas centrais da cidade de Salvador, pode-se observar que alguns equipamentos de lazer se diferenciam bastante daqueles implantados nas áreas periféricas. De acordo com Serpa (2000), em seu trabalho sobre o Parque Costa Azul, localizado na orla atlântica de Salvador, são encontradas pistas de *Cooper* e de patinação; ciclovia; *playground* com aparelhos de ginástica; *playground* infantil; restaurantes; anfiteatro; fonte luminosa; viveiro de plantas; prédio pra administração; e estacionamento para 150 vagas.

As praças João Martins, Moema Medrado e São Braz não possuem subespaços específicos como pista de patins, ciclovia e quadras esportivas, sendo esta uma das principais reivindicações dos usuários, que alertam para riscos de acidentes com crianças brincando no mesmo espaço que os praticantes de *skate*, dentre outras atividades. Um outro fato relevante é que, em 81,5% dos questionários aplicados na Praça João Martins, foi apontado que não houve nenhuma participação da comunidade na criação e implantação do espaço. Em Plataforma, 70% dos usuários afirmaram não ter havido essa participação também para a implantação do projeto de requalificação da Praça São Braz. Já em São Tomé de Paripe, 89,8% dos usuários apontaram que não houve envolvimento da comunidade na implantação da Praça Moema Medrado.

Em suma, os projetos das praças analisadas denotam uma lógica de planejamento vertical, que se traduz em uma linguagem autoritária de planos estratégicos, uma linguagem que é global e que prevalece sobre a linguagem local (VILLASANTE, 1996). Em um contexto geral, os bairros periféricos estão suscetíveis à falta de equipamentos de uso coletivo e às interferências urbanísticas autoritárias, o que provoca, segundo Souza (1989), a deterioração da qualidade de vida urbana.

DIAGNÓSTICO, CARACTERIZAÇÃO E QUALIFICAÇÃO DOS ESPAÇOS PÚBLICOS CENTRAIS

As praças públicas sempre foram consideradas como espaços para o exercício da cidadania. Além disso, desde tempos remotos se concretizaram enquanto ambientes para o lazer e para a confraternização. Os espaços públicos para o lazer, criados nas áreas centrais da cidade, vêm aos poucos perdendo esta função. São criados para serem vistos e não necessariamente utilizados. Nas áreas periféricas, as praças públicas são criadas de modo pontual, no intuito de

“mostrar trabalho” em períodos de eleição. Porém, são de suma importância, pois possibilitam o acesso ao lazer e ao bem-estar a estes grupos sociais.

Partindo da análise de Kevin Lynch (1981, apud DEL RIO, 1990), o estudo do desenho urbano deve considerar certos padrões no tempo e no espaço, envolvendo uma experiência humana cotidiana destes padrões. Deve envolver políticas que abrangem não só configurações de grande porte, como também, objetos menores como: bancos, árvores ou qualquer aspecto que afete a qualidade do espaço. “*O desenho urbano se preocupa com objetos, atividades humanas, instituições de gerenciamento e processos de transformação*” (LYNCH, 1981, apud DEL RIO, 1990, p. 290).

O autor desenvolveu a “teoria para a boa forma urbana” (1981, apud DEL RIO, 1990), que formula critérios para criação de espaços com qualidade urbana. São eles:

Vitalidade: Grau em que a forma apóia as funções humanas vitais; dimensão ligada diretamente ao nosso bem-estar físico;

Senso: Grau em que o assentamento é percebido, compreendido e estruturado mentalmente em termos espaciais e temporais;

Congruência: Capacidade da forma e dos espaços apoiarem ações, comportamentos e atividades sociais e humanas;

Acesso: Possibilidade de alcançar outras pessoas e todos os lugares do assentamento;

Controle: Grau em que os habitantes controlam a produção, o uso e a gerência do ambiente urbano;

Eficiência: Relação custo-benefício de criar e manter o assentamento;

Justiça: Forma pela qual os benefícios ambientais são distribuídos pela população.

Tais critérios permitem uma melhor qualificação de áreas públicas, visando a um melhor uso por parte do morador do lugar. Alguns deles, a nosso ver, não se aplicam aos espaços centrais nas áreas periféricas, como o controle e a eficiência.

Praça João Martins

A Praça João Martins está localizada entre as ruas Eduardo Dotto e João Martins, uma área que se constitui como uma centralidade no bairro de Paripe. Nas proximidades da praça encontram-se restaurantes, sorveteria, bares, pizzarias e algumas barracas de lanches diversos. Para 97,7% dos usuários, a Praça João Martins está em uma área bem localizada e de fácil acesso.

Antes da reforma, realizada em 2000, havia, no espaço da praça, bancos de cimento, uma série de barracas de lanche e um módulo policial, não havia pavimentação, nem iluminação. No processo de revitalização foram colocados bancos de madeira em pontos isolados da praça e um banco de cimento que margeia toda uma área aberta. Dispõe ainda de um espaço com bancos e mesas de cimento, localizado embaixo de uma árvore, usada para a prática do dominó, o bate papo entre amigos ou para tomar sorvete.

Em relação à arborização, foram mantidas as árvores que já existiam no local e criado um jardim nas proximidades dos bancos de cimento. Ainda assim, a quantidade de árvores existentes não é suficiente para uma estada na praça em qualquer horário do dia. Os equipamentos do parque infantil, de acordo com o projeto, foram fabricados em polietileno injetado. São duas casas com escorregadeiras em toda sua extensão, piso de areia e um gradil que cerca toda a área do parque. De acordo com os usuários, o parque infantil é o principal equipamento de lazer da praça. Mas, citam outros equipamentos e/ou práticas importantes como a área de *skate* (improvisada); os bancos; os brinquedos alugados; o hip-hop (atividade cultural praticada na praça nas quintas-feiras); brincar de bicicleta; e os estabelecimentos comerciais que cercam a praça.

A falta de equipamentos de lazer é uma das principais queixas dos usuários. São bastante escassos e o parque infantil se torna um importante atrativo para os pais de família frequentarem

a praça. Apesar do cercado, o parque tem acesso livre, o que facilita a entrada dos animais. Este fato preocupa os pais, mas a falta de lazer gratuita no bairro os obriga a frequentar o espaço. Além desta, outras deficiências foram apontadas nos questionários, como: falta de segurança; de manutenção do espaço; de um banheiro público; de lixeiras; de incentivo para atividades culturais voltadas para o público jovem; de espaço para esporte; de pista de patins; de espaço para *skate*; e de arborização. Acreditam que para a Praça João Martins se tornar um espaço mais interessante e agradável é necessário combater a violência, principalmente nos finais de semana; organizar eventos culturais para crianças e adultos; implantar mais brinquedos no parque infantil; e dividir a praça em subáreas para patins, *skate* e eventos culturais. Todas as quintas-feiras há apresentação de grupos de hip-hop na praça, mas poucos usuários citaram o evento. Logo, para os usuários, a praça só atende parcialmente as necessidades da população de Paripe. Ao observar a Praça João Martins, a partir da teoria da boa forma urbana, proposta por Lynch (1981), vemos que é um espaço vital para o bem-estar físico da população local, apesar das deficiências e dificuldades. É tratado como uma importante área de lazer, pois se caracteriza como um espaço para encontro dos amigos, para o lazer infantil e para o namoro. Mesmo com a escassez de equipamentos de lazer, a praça é bem apropriada pelos usuários.

Em relação ao critério de congruência, a forma permite a ocorrência de práticas humanas referentes ao encontro dos amigos, ao namoro e ao lazer para as crianças, entretanto atividades como andar de patins, *skate* e bicicleta geram conflitos entre os usuários, pois não existe um elo de comunicação que poderia permitir um equilíbrio em relação aos usos. A praça dispõe de boa acessibilidade, porém é necessário cuidado por parte dos pedestres, já que fica próxima a ruas de entrada e saída de veículos. A praça só recebe manutenção em relação à pintura dos bancos de madeira, porém o parque não está em bom estado de conservação e nada está sendo feito para melhorar a situação.

Praça São Braz

A Praça São Braz, também localizada no eixo central do bairro de Plataforma, possui em seus arredores alguns mercados, bares, clube, o Cine-teatro (em reforma) e a Igreja de São Braz. Antes do projeto de requalificação, a praça se constituía em um espaço degradado, com árvores centenárias. Segundo relatos de alguns moradores, as raízes das árvores estavam rachando o chão da praça e muitas morreram. Na execução do projeto, várias árvores antigas foram retiradas, sem critérios. De acordo com Serpa (2001, p. 178), as árvores “*foram derrubadas para ceder lugar à vegetação de pequeno porte, confinada entre canteiros*”. Há informações de que a Associação de Moradores promoveu mobilizações e impetrou ação no Ministério Público, para evitar a retirada das árvores, mas não obteve sucesso. As plantas introduzidas com o projeto de requalificação apresentam um crescimento muito lento e alguns usuários afirmam que são destruídas pela população.

Hoje, a Praça São Braz é um espaço sem “verde”. No entanto,

Os espaços livres de edificação devem ser projetados para atender múltiplas funções que não apenas recreação: as árvores e demais plantas desses espaços podem atuar retirando poluição do ar, contribuindo para o estabelecimento de climas mais amenos (SPIRN, 1995 apud ANGEOLETTO, 2000, p.202).

Durante o dia, a presença de usuários na praça é pequena, em virtude da falta de arborização. A praça tem em sua estrutura física um grande banco de cimento ligado ao coreto (área criada para eventos musicais); alguns bancos de cimento pequenos espalhados pela praça; mesas e bancos onde as pessoas mais idosas jogam dominó; algumas árvores; três mastros para hastear as bandeiras em períodos cívicos; um ponto de ônibus; e as escadarias que ligam a praça à igreja. De acordo com relatos dos membros da igreja, a ligação da mesma com a praça foi

necessária para separar o público do trânsito de veículos. Além disso, foi colocado um gradil, para evitar a destruição do jardim da igreja e a entrada de vândalos.

A praça é considerada de fácil acesso por 90,8% dos usuários. Mas as queixas dos usuários não se restringem apenas à quantidade insuficiente de árvores na praça. A falta de equipamentos para o lazer também é algo que incomoda a população local. Grande parte dos usuários afirmou não haver “nada” de equipamento de lazer na Praça São Braz. Os usuários citam equipamentos que na verdade não são da praça, como carro de som, motos de aluguel, cama elástica e os bares. A principal função da praça é encontrar os amigos, namorar, se distrair e brincar com as crianças. Mas, essas atividades parecem não contemplar as expectativas dos habitantes de Plataforma. As principais deficiências citadas foram: a falta de segurança; de um parque infantil; de limpeza; de área para capoeira, patins, *skate* e lazer infantil, bem como a falta de eventos culturais. Nas sextas-feiras um grupo de capoeira sempre se apresenta na praça. Para os usuários, mais segurança, um parque infantil e áreas para práticas esportivas seriam mudanças interessantes para consolidar a Praça São Braz como uma verdadeira área de lazer.

Apesar dos poucos atrativos de lazer da Praça São Braz, esta é apropriada em toda sua totalidade pelos usuários, principalmente à noite e nos finais de semana. A participação da comunidade em Plataforma foi mais evidente, devido à presença da AMPLA (Associação de Moradores de Plataforma) e da atuação da Paróquia de São Braz. O acesso à praça é relativamente fácil para os moradores de Plataforma e de alguns bairros próximos. Mas, quem vem de bairros do Subúrbio Ferroviário mais distantes de Plataforma tem dificuldade de chegar à praça, em virtude da distância entre o Luso (na Avenida Suburbana) e a área de lazer. A Praça São Braz funciona como espaço para eventos religiosos e cívicos, como, por exemplo, o aniversário do bairro, o dia do santo padroeiro e a lavagem de São Braz.

Praça Moema Medrado

São Tomé de Paripe é um bairro que passa por uma série de dificuldades em relação a sua infra-estrutura e à qualidade de vida dos moradores. No entanto, a praia é um importante atrativo para o lazer. É freqüentada não só por moradores do bairro, como também por pessoas de fora, que lotam a área nos finais de semana. No período de reestruturação da orla de São Tomé de Paripe, foi também construída a Praça Moema Medrado. Antes da criação da praça, havia no espaço um grande córrego que desaguava na praia, uma vegetação densa e muitos quiosques.

A atual estrutura da Praça Moema Medrado é marcada pela presença de muitos bares, um amplo estacionamento, alguns bancos, dois brinquedos (um balanço e uma escorregadeira) e uma ciclovia. Para alguns usuários, a praça não tem equipamentos de lazer. Para outros, o parque improvisado é a única alternativa para as crianças. Os brinquedos estão instalados em um local da praça, sem cercado, sem um piso adequado e bem próximo ao estacionamento. O espaço do estacionamento é maior que a área da praça. No estacionamento existe uma saída de esgoto, construída pelo Bahia Azul, muito criticada pelos usuários, que consideram um absurdo uma saída de esgoto em uma área de lazer.

A praça é utilizada principalmente para o encontro dos amigos, para o namoro, a distração, dentre outras atividades. É considerado um espaço bem localizado por 81,6% dos usuários. Apresenta, como deficiências, a falta de lazer para as crianças; a falta de segurança, apesar de existir um posto policial na praça; a questão do esgoto e do estacionamento; e a ocupação da praça pelas mesas dos bares. A praça Moema Medrado possui uma função mais comercial do que de lazer. Os usuários ficam mais nos bares do que na praça propriamente dita. Para os usuários, as melhorias viriam, se houvesse políticas públicas voltadas para as verdadeiras necessidades da população, uma vez que a praça na forma que está não corresponde ao que a comunidade espera. Consideram que se houvesse um parque infantil com brinquedos diversificados; um banheiro público; eventos culturais; e mais segurança, o espaço poderia

tornar-se uma verdadeira área de lazer, visando ao bem-estar da população de São Tomé de Paripe.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As três praças apresentam muitas semelhanças no tocante às deficiências apontadas e à necessidade de novas intervenções. Pois, mesmo com deficiências, são espaços valorizados por seus freqüentadores, que reconhecem os problemas, mas acreditam que são espaços criados visando ao bem-estar da população. O principal problema é que

nas cidades brasileiras e nas grandes metrópoles, o espaço público é tratado como terra de ninguém; os moradores não o reconhecem como de sua propriedade e o maltratam, a prefeitura não o compreende como prioritário e não lhe dá a mínima atenção. É preciso maior atenção onde afinal os contatos sociais acontecem: valorização, manutenção, mobiliário integrado e bem projetado, planejamento e atividades temporárias, etc. (DEL RIO, 1990, p.120).

Entretanto, é necessário que estes projetos sejam realizados a partir da realidade e do cotidiano dos grupos que serão beneficiados, que poderiam se tornar participantes ativos do processo, dando sugestões e promovendo mudanças. Essa participação ativa poderia melhorar a qualidade de vida dos habitantes dos bairros populares, garantindo uma maior autonomia nos processos de gestão e manutenção dos espaços criados.

REFERÊNCIAS

ANGEOLETTO, Fábio Henrique Soares. **Pirajá: Um Bairro e um Parque. A vegetação como fator de aumento da biodiversidade e da qualidade de vida nos ambientes urbanos**. 2000. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal da Bahia, 2000.

DEL RIO, Vicente. **Introdução ao desenho urbano no processo de planejamento**. São Paulo: Pini Editora, 1990.

FALTAM praças na periferia. **Jornal A Tarde (Local)**, Salvador, 4 set. 2005.

GERARDI, Lucia Helena de Oliveira; SILVA, Bárbara-Christine M. Nentwig. **Quantificação em Geografia**. São Paulo: DIFEL, 1981.

HOLANDA, Frederico; GOBBI, Cristina. **Forma e uso do espaço urbano – estudos de casos assistidos por computador**. Brasília: Instituto de Arquitetura e Urbanismo-UNB, 1988.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. Rio de Janeiro: Edições 70, 1990.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SALVADOR. SECRETARIA DE PLANEJAMENTO, MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO (SEPLAM). **Projeto Executivo Praça São Braz. Memorial Justificativo. Projeto Executivo Praça João Martins. Memorial Justificativo**. 1999. <http://www.seplam.salvador.ba.gov.br/>.

SERPA, Angelo. (org.) **Fala, Periferia! Uma reflexão sobre a produção do espaço periférico metropolitano**. Salvador: PROEX/EDUFBA, 2001.

SERPA, Angelo. Dimensões de performance de Projetos Paisagísticos Contemporâneos na Orla Marítima de Salvador, Bahia. **Paisagem, Ambiente - Ensaios**, São Paulo, n. 13, p 29-48, dez. 2000.

SERPA, Angelo. Morfologia urbana e apropriação social dos espaços livres de edificação em áreas de urbanização popular: Tendências apontadas pela aplicação do método de sintaxe espacial na escala do bairro. In: Simpósio Nacional de Geografia Urbana, 6., 1999, Presidente Prudente-SP. **Anais...** Presidente Prudente-SP: UNESP/AGB, 1999. p. 447-452.

SERPA, Angelo. **Urbana Baianidade, Baiana Urbanidade**. Salvador: UFBA, 1998.

SOUZA, Flávia Silva de. **Caracterização Socioeconômica e Cultural de um bairro popular em Salvador: o Caso de Paripe, no Subúrbio Ferroviário de Salvador**. Salvador: PIBIC/CNPq, UFBA, 2005a. Relatório final de pesquisa.

SOUZA, Flávia e SERPA, Angelo. Caracterização Socioeconômica e Cultural de um bairro popular em Salvador: o Caso de Paripe, no Subúrbio Ferroviário de Salvador. In: SEMINÁRIO ESTUDANTIL DE PESQUISA (XXIV SEMEP), 24., Salvador, 2005. **Resumos...** Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2005b. p. 229-229.

SOUZA, Flávia e SERPA, Angelo. Cultura e Identidade em dois bairros populares de Salvador: estudos de Caso nos bairros do Curuzu e de São Tomé de Paripe. In: SEMINÁRIO ESTUDANTIL DE PESQUISA (XXIII SEMEP), 23., Salvador, 2004. **Resumos...** Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2004. p. 241-241.

SOUZA, Marcelo José Lopes de. O bairro contemporâneo: ensaio de abordagem política. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v. 51, n. 2, p. 140-172, 1989.

VILLASANTE, Tomas. Metodologia dos Conjuntos de Ação. In: FISCHER, Tânia (org.). **Gestão Contemporânea – Cidades Estratégicas e Organizações Locais**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora, 1996. p. 37-51.